

O uso de músicas infantis no desenvolvimento linguístico de crianças autistas dentro da Escola de Música SONART.

Comunicação

FRANCISCA SIDIVÂNIA DA SILVA OLIVEIRA

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

sidivaniadasilva@gmail.com

RAFAEL DA SILVA PINTO

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

rafaelpinto09@gmail.com

Resumo: Neste artigo temos o objetivo de apresentar relatos de como a música por meio de melodias infantis é utilizada como ferramenta de desenvolvimento linguístico em crianças dentro do Transtorno do Espectro do Autismo - TEA na Escola de Música SONART, que fica localizada no litoral leste do Ceará. Para contextualizarmos essas ações, apresentamos como as políticas de inclusão chegaram ao Brasil e quais os empecilhos que elas enfrentam até os dias de hoje. Para compreendermos melhor como a música pode contribuir com a linguagem traremos estudos da neurociência que identificam como a música age no cérebro e de que forma essas ações podem contribuir para o desenvolvimento linguístico. Conheceremos também o campo de pesquisa no qual oferece esses serviços, seu corpo docente e as estruturas necessárias para atender esses alunos. Além de conhecer as estruturas da Escola, discriminamos as metodologias utilizadas que servem como base para o desenvolvimento desses alunos. Com esses relatos podemos mostrar o quanto a música contribui de forma significativa para o desenvolvimento da linguagem de crianças que estão dentro do Transtorno do Espectro do Autismo.

Palavras-chave: Música, Linguagem, Autismo.

Amar: um ato de inclusão

Com o avanço das ciências e as políticas públicas de inclusão, pessoas com deficiência passaram a ter mais espaço dentro da sociedade, ocupando assim locais que antes pareciam ser impossíveis. Porém ainda existem muitas barreiras a serem quebradas, como as barreiras do preconceito e da falta de informação.

As leis brasileiras já permitem a muito tempo que pessoas com deficiência possam frequentar uma escola de forma regular, a primeira lei de inclusão foi sancionada no ano de 1961 – Lei N° 4.024/1961 na qual se direciona a pessoas com deficiência como “excepcionais”, ao se referir no Art. 88 que “A Educação de excepcionais, deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de Educação, a fim de integrá-los na comunidade” (Brasil, 1961). Porém não existia preparo para que essas pessoas fossem inseridas dentro desse ambiente, existiam empecilhos físicos, estruturais e sociais.

Desde o surgimento da Lei N° 4.024 de 1961 até hoje já foram lançadas diversas leis e decretos, porém, acreditamos que um dos mais importantes tenha sido o decreto N° 6.571 de 2008, decreto que propôs a criação do AEE - Atendimento Educacional Especializado nas escolas, pois com isso a escola passou a ter um espaço de apoio com um profissional qualificado para atender as demandas desse público.

Mesmo com todas as leis e decretos ainda temos um quadro bastante preocupante, pois o número de professores que estão aptos para atender essas pessoas ainda é muito pequeno, faltam capacitações e cuidadores nas escolas. Complementando essa ideia Cruz *et al.*, (2017, p.1033) fala que:

O setor pedagógico se mostra despreparado para realizar a inclusão dessa criança, já que esse processo exige uma gama de conhecimentos específicos, começando com os mais simples conceitos e as práticas na sala de aula, incluindo estudo dos conteúdos, adaptação de atividades de sala e de casa,

trabalhos individuais e coletivos e a rotina do aluno autista. Os problemas enfrentados pela família do aluno com TEA, que vão desde a falta de informação nas instituições escolares até a falta de formação adequada de professores, que na sua formação inicial não tiveram nenhum conteúdo curricular desse tema, são obstáculos recorrentes (Cruz *et al.*, 2017, p.1033).

Quando trazemos para o contexto de educação musical o número de pessoas aptas a atender esse público diminui ainda mais, existem poucos cursos no Brasil que trabalham o ensino de música para pessoas com deficiência. Nesse sentido, com o intuito de ajudar e contribuir para com o público e profissionais da área, trazemos aqui relatos de experiências vivenciadas dentro da Escola de Música SONART, que utiliza a música como instrumento de desenvolvimento linguístico e social com crianças autistas.

A contribuição da música no desenvolvimento linguístico.

Historicamente a música sempre esteve inserida na sociedade, em diversos contextos e funções, desde festejos a marchas de batalhas. A música tem um papel importante dentro da sociedade, está sempre se adaptando e buscando atender as necessidades do meio à qual está inserida, Seeger descreve que “a música está tão enraizada em culturas de sociedades específicas quanto a comida, a roupa e até a linguagem” (Seeger, 2008, p. 239). Durante o desenvolvimento das sociedades a música assumiu diversas funções, como comerciais, educativas, festivas, medicinais, terapêuticas e outras. Neste trabalho, iremos explorar as funções educativas, suas formas e objetivos.

A música tem propriedades que estimulam o desenvolvimento cognitivo, ao ajudar a melhorar a atenção, a memória, a sequência e o processamento auditivo. Além disso, a música pode ser usada para ensinar habilidades acadêmicas e funcionais, como contar, recitar o alfabeto, seguir instruções e aprender conceitos. Corroborando com essa ideia Betti, Da Silva e De Almeida trazem a ideia que a música pode auxiliar no desenvolvimento cognitivo e, por

isso, deve ser valorizada no âmbito escolar a fim de potencializar a imaginação, a linguagem, a atenção, a memória e outras habilidades, além de contribuir de forma eficaz no processo de ensino-aprendizagem (Betti, Da Silva e De Almeida, 2013). Essas contribuições acontecem pois a música tem a capacidade de ativar determinadas áreas do cérebro, como por exemplo o sistema límbico, sistema motor e a área tegmental ventral (ATV). Muszkat (2012, p.68) diz que:

A experiência musical modifica estruturalmente o cérebro. Pessoas sem treino musical processam melodias preferencialmente no hemisfério cerebral direito, enquanto nos músicos, há uma transferência para o hemisfério cerebral esquerdo. O treino musical também aumenta o tamanho, a conectividade (maior número de sinapses-contatos entre os neurônios) de várias áreas cerebrais como o corpo caloso (que une um lado a outro do cérebro), o cerebelo e o córtex motor (envolvido com a execução de instrumentos). Ativação maior de áreas do hemisfério cerebral esquerdo pode potencializar não só as funções musicais, mas também as funções linguísticas, que são sediadas neste mesmo lado do cérebro (Muszkat, 2012, p.68).

Podemos perceber que a música utilizada adequadamente pode contribuir de forma positiva para o desenvolvimento cognitivo, fortalecendo estruturas cerebrais e contribuindo para uma maior conectividade entre as regiões cerebrais.

No cérebro temos duas áreas essenciais no processo do desenvolvimento da linguagem, a área de Broca, e a área de Wernicke. De acordo com Shneider *et al.* (2018, p.135):

A área de Broca está localizada na porção esquerda do lobo frontal do cérebro e é responsável pela fala e pelo controle dos nervos faciais, sendo considerada o centro motor da fala. Possui uma conexão cerebral, a área de Wernicke, onde está a compreensão e o processamento da linguagem (Shneider *et al.*, 2018, p.135).

Embora a música não aja diretamente nessas áreas ela é capaz de contribuir para o fortalecimento dessas áreas devido a suas semelhanças em termos de processamento auditivo cognitivo. Silva afirma que a música é utilizada como ferramenta para alcançar objetivos como o desenvolvimento e o aprimoramento de aspectos ligados à linguagem e comunicação, funções cognitivas e executivas, sociais, psicológicas e emocionais (Silva, 2018 *apud* Alves 2019, p.10).

Na área de Broca a música pode contribuir para a fluência e a coordenação motora envolvidas na produção da fala. A prática de cantar ou entoar músicas pode fortalecer os músculos responsáveis pela articulação das palavras, melhorando assim a produção da fala. Tomaino (2014, p.21) afirma que o canto pode servir como um elemento de impulso para a fala, estimulando as áreas periféricas de linguagem ou áreas compensatórias no lóbulo temporal direito. A música também contribui para aprimorar elementos como ritmo e entoação que são aspectos fundamentais da linguagem.

Já na área de Wernicke, a música pode influenciar a compreensão da linguagem, uma vez que ambos os processos envolvem a interpretação de estímulos auditivos. O treinamento musical pode melhorar a percepção de padrões sonoros e a sensibilidade aos elementos melódicos e rítmicos, o que pode ter efeitos positivos na compreensão da linguagem. Engel, Bueno e Sleifer (2019, p.2) relatam que:

A prática musical desenvolve a percepção auditiva para melodias, harmonias e ritmos por meio do treinamento perceptivo de intervalos, ritmos, entre outros parâmetros musicais. Considerando a ocorrência de generalização, estas habilidades perceptivo auditivas podem vir a contribuir na consciência fonológica, em tarefas de reconhecimento da fala diante de ruído, de leitura, de reconhecimento de sílabas entre outras habilidades linguísticas (Engel, Bueno e Sleifer, 2019, p.2).

Outro fator importante que deve ser levado em consideração é que devido a música ativar o sistema límbico (o cérebro emocional), ela consegue se conectar emocionalmente com a pessoa, o que dificilmente acontece por meio de outras formas de comunicação. A

melodia pode ajudar a expressar e processar emoções, promovendo uma maior conscientização emocional. Com isso ativamos também a nossa ATV, tornando o aprendizado mais prazeroso e fácil. Complementando essas ideias Silva (2022, p.18) afirma que:

O conhecimento dessas reações cerebrais ao som e à música é importante para compreendermos os efeitos que a música produz no ser humano através das pulsações rítmicas, das melodias, dos sons alterados, com sua dinâmica causando mudanças diversas nos neurônios com cargas elétricas que produzem sensações, estimulando vários aspectos sensoriais afetivos e emocionais e, mesmo fisiológicos (Silva, 2022, p.18).

Contudo a música precisa de condições adequadas e adaptadas para que o indivíduo consiga explorar todos esses benefícios citados acima. Sabendo disso, traremos experiências com crianças autistas que ocorreram na Escola de Música SONART que fica localizada nos municípios de Aracati e Icapuí no litoral leste do estado do Ceará.

Conhecendo a Escola

A Escola de Música SONART é uma instituição que oferece aulas de música particular para diversos públicos, atende alunos a partir de 2 anos até a terceira idade. Ela oferece aulas de canto, clarinete, trompete, flauta, teclado, ukulele, violão e musicalização infantil. As aulas de musicalização infantil acontecem numa sala com estrutura adaptada, contribuindo com o desenvolvimento das crianças com TEA e Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade – TDAH. O piso é revestido com carpetes, são utilizados tatames, instrumentos musicais (violão, ukulele, teclado e bandinha rítmica), brinquedos (que são armazenados em caixas, para que o professor possa ter o controle), livros e materiais didáticos (que ficam à disposição do professor). Além do material já citado, as salas são ornamentadas com as notas musicais e vogais nas paredes, para que o professor possa exemplificar através do reforço visual.

A Instituição conta com um corpo docente de três professores, todos formados em música pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e possuem pós-graduação nas áreas da Neuropsicopedagogia, Musicoterapia e Educação musical e ensino das artes.

A acolhida dos alunos

Os alunos ingressam na Escola por meio do preenchimento de um formulário online, onde são disponibilizados os dados básicos para que o professor já conheça um pouco o aluno antes do primeiro encontro. Nesse formulário o aluno ou seu responsável, respondem se existe alguma necessidade específica ou deficiência para aquele aluno, qual o turno e o que curso que tem interesse de ingressar.

No primeiro encontro o professor passa a conhecer os alunos, entender suas necessidades e as expectativas deles ou dos responsáveis, é geralmente no primeiro encontro que o aluno conhece as instalações da Escola e os instrumentos, a partir daí criam vínculos afetivos. Na primeira aula o aluno experimenta jogos direcionados para a prática musical proporcionando um momento bastante prazeroso junto com seu professor. O primeiro momento é essencial no processo de educação, pois é por meio deste que o aluno ganha confiança no seu professor, e se sente à vontade para se expressar, o que é essencial para o desenvolvimento da linguagem.

Experiências compartilhadas

No momento a Escola tem 7 alunos com TEA e uma com Síndrome de Sotos, são trabalhados diversos aspectos cognitivos e musicais com cada um deles, cada qual com seu plano de aula individual. Neste trabalho relataremos as estratégias e metodologias utilizadas no desenvolvimento da linguagem.

Ter estratégias e metodologias para lidar com os alunos é essencial, porém na Escola acredita-se que toda estratégia e metodologia devem ser flexíveis, moldadas a necessidade de cada aluno, assim as experiências adquiridas com cada aluno são compartilhadas e debatidas entre os professores, para que a prática docente seja cada vez mais assertiva, além de facilitar para o professor que precisar ser substituído em uma eventual necessidade.

Memórias de afeto

Uma das estratégias utilizadas pelos professores são as memórias de afeto entre o professor e o aluno, as memórias de afeto são capazes de criar conexões poderosas. De Paula e Faria acreditam que a afetividade exerce um papel crucial na vida das pessoas e forma um elo na relação professor-aluno (De Paula e Farias, 2010). Por meio dessa conexão que o aluno passa a observar melhor o professor, vendo aquela figura não apenas como um adulto que quer lhe ensinar algo, mas como um parceiro que está ali para lhe ajudar. Reginatto afirma em seu trabalho que quando professor e aluno criam um laço de amizade, ambos se sentirão mais seguros e a convivência em sala de aula será muito mais agradável. Além disso, o aprendizado passa então a ganhar espaço para acontecer naturalmente (Reginatto, 2013). É a partir desse espaço agradável que o professor pode desenvolver melhor a comunicação dentro da sala de aula, seja por meio da fala, do canto ou de melodias instrumentais.

Muitos alunos com TEA têm dificuldades em se comunicar, seja por não terem ainda desenvolvido a fala, por não saberem como demonstrar suas emoções, ou às vezes por medo. Por esse motivo são utilizadas melodias que auxiliam no desenvolvimento linguístico, pois a melodia pode ajudar a expressar e processar emoções, promovendo uma maior conscientização emocional. Para que a melodia possa ter esse impacto positivo ela precisa ter algum sentido para o aluno, dessa forma os professores recorrem às memórias de afeto que o aluno já possui, essas memórias são relatadas através de diálogos com a criança ou com os responsáveis. A partir dessas informações essas memórias são inseridas dentro das melodias, e com isso acaba se criando novas memórias de afeto. Tomaino fala que “as memórias de

músicas podem ser tão bem preservadas que o menor fragmento de uma melodia estimula a recordação do título ou da letra da música” (Tomaino, 2014, p.52).

As melodias utilizadas são de músicas infantis, pois são melodias que geralmente as crianças são acostumadas a ouvir em casa, seja através dos pais cantando, televisão ou internet. As melodias podem trazer aspectos emocionais muito fortes que ajudam o professor e aluno a se conectarem e desenvolverem uma comunicação entre si, seja essa comunicação verbal ou não. Mas, para que essas conexões aconteçam é importante que a criança se aproprie da melodia e da letra, por isso se faz necessário que seja repetida várias vezes.

Colocando em prática: A Escola recebeu um aluno de dois anos diagnosticado com TEA, a mãe relatou que ele apresentava problemas de comunicação e sentia que ele gostava muito de música, além de gostar muito de animais, especificamente dos patos. A partir dos relatos da mãe, as aulas foram direcionadas a músicas folclóricas brasileiras com letras que falassem de animais. O professor trabalhou com um livro que tinha vários animais, cantando uma música para cada um, porém a atenção do aluno só foi conquistada quando o professor apresentou o pato e começou a cantar as músicas “O pato” de Vinicius de Moraes e “Cinco patinhos” composição estrangeira que fez sucesso no Brasil com a cantora Xuxa.

Nas aulas desse aluno também foi inserido um brinquedo de pato, no intuito de fortalecer a mensagem que estava sendo transmitida e desenvolver mais ainda a memória afetiva do aluno. A partir dessa instauração de memória afetiva, o aluno passou a ter mais prazer em comparecer às aulas, sempre chegava na escola chamando pelo pato e esperava que o professor cantasse as músicas relacionadas ao pato. Com esse vínculo fortalecido, o professor passou a cantar e ensinar música de outros animais, dessa forma o aluno passou a observar e se interessar mais por outras melodias e letras. O professor também passou a aplicar melodias de rotina, como música de acolhida, música de guardar brinquedos e instrumentos e música de despedida. Assim foi fortalecendo a comunicação entre o professor e aluno.

As músicas inicialmente são apresentadas de forma cantada pelo professor e na medida que o aluno passa a se apropriar da melodia e letra, essas músicas passam também a serem apresentadas de forma instrumental, estimulando o aluno ao reconhecimento da melodia e estimulá-lo também a cantar. Para que essa interação possa ser concretizada é necessário que haja muitas repetições.

Repetição

A repetição é uma excelente ferramenta para o desenvolvimento linguístico, Sousa e Alves (2017) mostram que a repetição leva à proficiência, fazendo com que o sujeito se torne fluente em determinada área de conhecimento, além de refinar habilidades básicas e reduzir o esquecimento. No caso do relato acima podemos perceber que um fator determinante para que a criança criasse memórias afetivas foram as repetições, por meio dessas repetições a criança ganhou confiança e passou a se apropriar das melodias de forma tranquila e prazerosa.

A repetição faz com que a criança desenvolva sua percepção auditiva, memorize sons e entonações. Tomaino relata que “o uso de letras de músicas aprendidas anteriormente também auxilia para estimular o resgate de palavras. Letras previsíveis auxiliam no resgate de palavras para a fala” (Tomaino, 2014, p.76) A repetição também ajuda no desenvolvimento da dicção, pois é por meio dela que a criança vai se apropriando das formas e modos que cada fonema precisa para ser executado. No caso da criança citada, ela passou a aprender outras músicas e cantar por meio da escuta ativa. Nas primeiras repetições a criança tentava balbuciar os sons, tentando entoá-los de forma intuitiva, com isso o professor incentivava a criança e a encorajava a repetir novamente, dessa forma o balbucio passou a virar sílabas, palavras e depois frases.

A repetição também é essencial para a criação de rotinas, o que ajuda a criança a se situar dentro da aula, criando uma experiência mais agradável e segurança para criança, pois ela consegue prever os acontecimentos e se perceber como peça fundamental daquele momento. Oliveira traz a ideia de que “a rotina na instituição de Educação Infantil é

fundamental para o desenvolvimento profissional dos educadores e o desenvolvimento integral (cognitivo, afetivo, motor, social) das crianças. É preciso considerar o tempo dos atores envolvidos” (Oliveira, 2012, p. 90). Para que a criança consiga internalizar melhor essa rotina a Escola sugere aos professores que insiram músicas de rotina dentro das aulas, utilizando uma música para cada momento como a acolhida, lanche (quando o aluno leva), hora de guardar o material e a despedida.

Colocando em prática: A Escola recebeu uma aluna autista de nove anos, nível três, cuja a principal forma dela se comunicar era cantando e utilizando linguagem não verbal, balançando as mãos e os braços, além de realizar expressões faciais. Embora ela tivesse o canto como ferramenta de comunicação, ela não cantava como uma forma de lazer ou diversão, apenas para expressar seus estados de humor.

O professor ao perceber que a aluna tinha uma forma de comunicação bastante musical resolveu explorar esse lado artístico e passou a focar as aulas dela de musicalização em torno do canto. A princípio a aluna tinha receio de ficar na sala de aula, então ela gritava e ficava bastante agitada. Uma das formas que o professor desenvolveu para chamar a sua atenção foi a repetição, o professor tocava e cantava uma música várias vezes até a aluna se aproximar e querer participar também.

Ao conversar com a mãe da aluna, o professor descobriu que as músicas preferidas dela eram “a linda rosa juvenil” e “Alecrim” e resolveu partir dessas músicas para criar laços e memória afetiva junto com a aluna. Essas músicas eram repetidas várias vezes e a aluna sempre cantava junto. Como o professor percebeu que a aluna era bastante afinada, resolveu tocar a música em vários tons para saber se a aluna tinha uma boa percepção auditiva, o resultado foi que a aluna cantava afinada em todos os tons.

Para que a aluna se situasse bem na aula, foram inseridas as músicas de rotina dentro da aula, sempre repetindo várias vezes a música de cada momento até que a aluna compreendesse, ao chegar era cantada a música de bom dia, na hora de guardar todo o material, a música de guardar o material e no encerramento da aula, a música do tchau. Com

essa implementação a aluna passou a ter previsibilidade dos acontecimentos, entendendo que dentro daquele ambiente tinha horários e regras.

No teclado o professor colocava a função acompanhamento instrumental, onde se tocava um determinado ritmo dentro do tom que fosse escolhido, bastava apertar a tecla da nota desejada e o teclado mudava o tom. O professor sempre fazia essas trocas de forma que a aluna percebesse e depois de muita repetição, a própria aluna quis apertar as teclas e trocar os tons.

No decorrer das aulas a aluna foi aprendendo a usar a música como um recurso artístico, passou a cantar não só para demonstrar seus estados de humor, e sim pelo prazer de cantar, passou também a falar o nome das coisas que queria, quando queria ir ao teclado ela dizia “teclado”, passou a também a dar bom dia, tchau na despedida e falar o nome do professor.

O desenvolvimento linguístico da aluna foi bastante satisfatório tanto para a mãe quanto para a Escola, ela desenvolveu formas diferentes de comunicação, aprendeu a expressar melhor seu estado de humor e desenvolveu mais sua percepção auditiva.

Conclusão

Com este trabalho apresentamos alguns benefícios que a música por meio de melodias infantis traz para o desenvolvimento linguístico, compreendemos que a música contribui para vários outros fatores, sendo este, assunto para estudos posteriores. É possível notar o quanto as melodias infantis contribuíram com desenvolvimento linguístico nos exemplos citados acima. A música age no cérebro da criança estimulando o desenvolvimento social, sensorial, motor, cognitivo entre outros.

É notável também perceber que a memória afetiva e as repetições não são trabalhadas de maneiras distintas, falamos de forma separadamente para que o leitor pudesse ter uma melhor compreensão dos objetivos que estavam sendo propostos.

Com isso concluímos que embora a música não aja diretamente nas áreas cerebrais de Broca e Wernicke, que são as principais áreas responsáveis pela linguagem, ela pode servir como ferramenta no desenvolvimento linguístico, principalmente das crianças autistas, pois seus benefícios servem como estímulos nas zonas cognitivas, trazendo atenção, concentração e estímulo para o aprendizado e evolução da criança.

Referências

ALVES, Blenda Stephanie et al. *Interfaces entre fonoaudiologia e musicoterapia na interação social e linguagem no transtorno do espectro do autismo*. 2019.

BETTI, Leilane Cristina Nascimento; DA SILVA, Deise Ferreira; DE ALMEIDA, Flávio Fernandes. *A importância da música para o desenvolvimento cognitivo da criança*. CONSELHO EDITORIAL, p. 45, 2013.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as *Diretrizes e Bases da Educação Nacional*.

CRUZ, J. G. M. et al. *Práticas inclusivas de alunos com TEA: principais dificuldades na voz do professor e mediador*. RPGE–Revista on line de Política e Gestão Educacional, Araraquara, v. 21, n. n.especial 2, p. 1031-1047, nov 2017. ISSN DOI:10.22633/rpge.v21.n.esp2.2017.10386.

DE PAULA, S. R., & FARIA, M. D. (2010). *Afetividade na aprendizagem*. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, 1(1-2010).

ENGEL, Ana Clara; BUENO, Claudine Devicari; SLEIFER, Pricila. *Treinamento musical e habilidades do processamento auditivo em crianças: revisão sistemática*. *Audiology-Communication Research*, v. 24, 2019.

MUSZKAT, Mauro. *Música, neurociência e desenvolvimento humano*. A música na escola, p. 67-71, 2012.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. *O trabalho do professor na Educação Infantil*. São Paulo: Biruta, 2012.

REGINATTO, Raquel. *A importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizagem*. *Revista de Educação do IDEAU*, v. 8, n. 18, p. 1-12, 2013.

SHCNEIDER, Cleussi et al. *A neuropsicopedagogia e o processo de aprendizagem*. Curitiba: lesde Brasil, 2018. 156 p.

SEEGER, Anthony. *Etnografia da música*. *Cadernos de Campo* (São Paulo-1991), v. 17, n. 17, p. 237-260, 2008.

SILVA, Antonio Lisboa da. *Música e autismo: a mediação da música e suas implicações no contexto da socialização e comunicação de jovens com perturbação do espectro autista*.

2022. Tese de Doutorado.

TOMAINO, Concetta M. *Musicoterapia neurológica: evocando as vozes do silêncio*. p. 21 e 52 e 76. 2014.